



Visado pela  
Comissão de Censura

# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 298 • PREÇO 1\$00

## MONGES DA MISÉRIA

Que nomes! Que tempos! Oh revoluções! Padre Pedro da França, o Extenuado, anda hoje nos púlpitos do Novo Mundo a pregar o Novo Mandamento, chamando-se a si e aos seus, — *Monges da Miséria*. Monge é o homem interior dedicado a um trabalho. Não é o hábito que o faz. Não é a acção. Então quê? É a sua interioridade. O que dantes soava mal e parecia repugnante, coloca-se hoje na praça à consideração de toda a gente. Cria-se à volta da miséria e miseráveis uma nova espiritualidade, a qual dá o nome de monge ao que por ela vive e morre. Chegou a hora de evangelizar os pobres. Temos no mundo o sinal do Messias.

O número desta quinzena traz uma série de coincidências interessantes: os *padres da rua*, neste cantinho da terra, estão ocupados em dar à obra deles uma forma jurídica, segundo as normas dos últimos Papas. Padre Pedro, a quem o ouve, anda interessado em fazer o mesmo e dá aos seus companheiros o nome de *Monges ou Missionários da Miséria*. A visita da fundadora e das Irmãs de Jesus, acaba de nos dar semelhanças impressionantes acerca deste ideal; também elas escolhem e actual de preferência nos ambientes de miséria. Há-de cer-

tamente haver mais Obras das quais não temos conhecimento e muitas outras se hão-de formar sem notícia, nem cópias entre si. Isto quer simplesmente dizer que Deus governa o seu povo e vela pela sua Igreja.

*Monges da Miséria* é um nome extremamente aliciante. O padre Pedro tenciona começar em Outubro e concerta vai-se ver rodeado de fervorosas e decididas vocações. A tendência de hoje é esta. Se por medo se por cálculo, se política se renome, não importa. Mas que poderes e poderosos começam a abrir os olhos e a decretar, isso é uma evidência. Até nações formidáveis e bem organizadas, ditas sem Deus, até essas, dizemos, prometem e decretam a favor dos miseráveis. É que a falência chegou. O capitalismo por si só tem provado ineficaz. O homem rico, justamente porque o é, não tem ouvidos nem pode compreender as torturas dos que não têm nada. Não se compadece. Não chora. Não ama. O primeiro monge da miséria deve ter escandalizado os milionários da América, ao falar da vacuidade dos seus dinheiros. Sim. O mundo está a dar uma volta. Nunca se viu tão claramente o engano das riquezas. Estão à vista os seus frutos: legiões de miseráveis. Metade do mundo à fome.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Temos notícia de vicentinos, pároco à frente, que em suas freguesias, praias de banho, vão pelos banhistas e sacam esmolas para a construção de casas; indo à frente Gafanha da Encarnação e S. Martinho do Porto. Não se pode tomar à conta de impertinência, nem temer a deserção dos frequentadores; não se pode. Muito ao contrário, se bem medirmos a grandeza dos corações, muitos e muitos se hão-de deleitar, sabendo, no ano seguinte, que uma casinha agora habitada, é o produto do que se colheu no ano anterior. Cada ano uma casa. Ainda existe a cabana do pescador. Modifique-se o panorama. Mais «Gafanhas». Mais «S. Martinho do Porto.» Ele são tantas as praias da nossa Terra!

\*\*\*

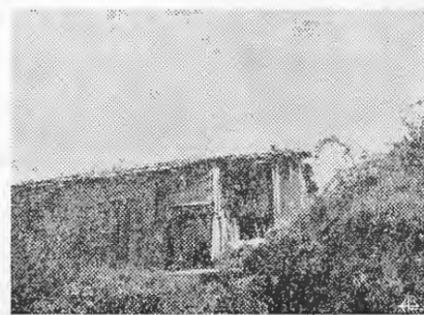
O pároco de Cacia escreve:

Estive ontem na secção de Finanças deste concelho de Aveiro, a entregar a declaração relativa às moradias dos pobres a qual ficou registada sob o número 4.628 com entrada a 6 de Julho de 1955.

Fiquei com cópia da declaração acima referida que vou arquivar.

O P.<sup>e</sup> Virgílio assiná-se «um seu colaborador» e ao invés, nós, os padres da rua, é que nos temos na conta e verdadeiramente somos

os colaboradores de quem se propõe trabalhar. Felizmente que vão aparecendo mais. São já muitos, mas não basta; é preciso que sejam todos aqueles aonde houver

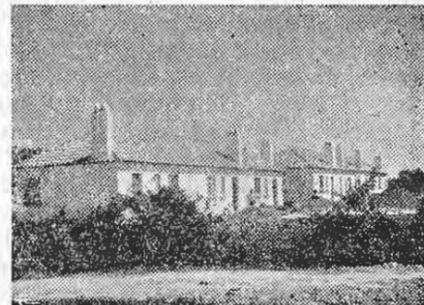


Aqui e Cantanhede

um Pobre por abrigar. E até, por direitas contas, não se pode na verdade cantar vitória, enquanto houver o indiferente.

Damos, pois, por norma o dessembrar do pároco de Cacia. Os que duvidam ou não sabem como fazer, podem-se orientar aqui.

Aonde não houver estabelecida e incorporada a Conferência de S. Vicente de Paulo, façam-no,



Os grandes de Cantanhede resolvem o problema da sua terra com mais 14 residências semelhantes: e andam a fazê-las.

antes de fazer as casas. Sei de colegas, Eja e Canelas, para não ir a outros. Estes, enquanto ergueram as casinhas, formaram a grei vicentina. Resultado: os pobres são assistidos. Sem estes não façam aquelas.

\*\*\*

Acabamos de receber mais uma prestação (abono não) do donativo do Ministro da Obras Públicas; faltam ainda 115 contos. Também desejamos anunciar que no fim de Julho, se contavam já por mais de cem as casas completas e habitadas ou em vias disso.

rejos; que dê nas vistas, dê que falar, que temer. Se o conhecimento do acto é escândalo, seja escândalo a sua denúncia. Escândalo contra escândalo. Que se não dê em Portugal um nascimento sem a presença moral ou física do pai. Não se registre a criança sem se saber de quem é.

## NOTA DA QUINZENA

Apareceu-nos há tempos um senhor à porta e pediu para entrar. Era um cavalheiro. Declara que tinha um filho em uma das nossas casas, de quem dá o nome e sinais, pedindo ao mesmo tempo para o levar em sua companhia. Com a simplicidade dos grandes actos, dá-lhe nome e paternidade na presença de um Notário. Senta-o à sua mesa. O festim da parábola é aqui às avessas; o pai vem ter com o filho! Um e outro são hoje felizes.

Há quinze anos que nos devotamos ao serviço do Abandonado. Não sei quantos, mas contam-se por muitas centenas. A experiência tem-nos dito que uns oitenta por cento poderiam ser reclamados por um acto de justiça. Pois bem. Até à data apareceu um! Outras obras sociais de igual finalidade, podem dizer que o panorama das suas casas é semelhante. Além das obras, há também o avulso; o errante, que nunca topono ninguém.

São milhares. São legiões. É de entre eles que costuma sair o homem sem morada certa, condena-

do a pena maior. E os mais fortes, os mais concentrados, aqueles a quem Deus deu a graça de bem se conduzirem, esses guardam no peito pela vida fora a tragédia da sua origem. Oh mundo!

Estamos na hora das grandes realizações sociais. Ninguém havia de dizer que tão breve chegasse o remédio do analfabetismo, mancha do nosso povo, atenuada com zelo, em vias de ir até ao fim. Chegou. Está. Ninguém havia de dizer.

Depois desta vem a campanha da tuberculose, — «uma desgraça a conjurar e uma vergonha a redimir.»

De tudo se faz remédio para a debelar. Habitações condignas. Salário justo. Comida que baste. Leiticos nos sanatórios. Recurso aos medicos nos sanatórios. O saber. Todos os elementos que Deus coloca nas mãos dos homens para seu uso e benefício. Tudo isto se vai buscar na hora que passa. São postas à disposição de um homem do governo, somas de dinheiro. Chegou a hora das grandes realizações sociais.

Falta o problema dos filhos ditos sem pai. Este é de todos o mais delicado por quanto cada vítima é um inocente. No caso de não saber ler, podia ter havido a culpa de quem não sabe. Qualquer excesso culpado, pode causar doenças pulmonares. Os filhos sem pai presente, nunca. É sempre e durante toda a vida o inocente a sofrer. No fundo de toda a lei que pretende regular esta matéria, atende-se, ao que me parece, à questão do escândalo. É preciso esconder.

E é. Guarde-se a fama, sim, mas sem prejuízo do inocente.

Venha o homem escolhido e tome assunto no Ministério da Justiça. Só o Governo. A chamada Investigação de Paternidade, não resulta. Não serve para o nosso caso.

Não queremos justiça que se pague a dinheiro. A campanha tem de ser feita com o espírito de quem sofre por amor dela. Quanto mais sofremos por uma causa, maior é o amor que lhe dedicamos.

Campanha firme, suave e decisiva; que passe pelas cidades, vilas e vá até aos mais afastados luga-

# ISTO É A CASA DO GAIATO

\*\*\* Hoje de manhã a senhora da cozinha resolveu ir ao Porto. Eram dez horas quando safu, tendo dito aos rapazes como haviam de fazer. Os encarregados são o Zé Rocha de 18 anos, o Manuel e o Jaime com menos um, e por ajudante o Pretita. Eu cá só dei fé da temeridade depois da senhora ter safdo, quando não opunh-me. Conquanto saiba por experiência aonde pode chegar o brio dos rapazes, contudo, neste caso particular, havia de vacilar. Estava em causa o jantar de 200 bocas em uma



Só o homem é capaz de fazer mal aos Inocentes.

na tipografia, justamente a que dá um maior número de sinistrados. Engenheiro exulta. Ele acha que assim é que está certo, e não me deixa dizer mais nada!

\*\*\* Tivemos há dias uma grande pega sobre estas desordens, estando envolvido o Formiga. O das capoeiras. Houve tempo em que ele foi transferido, mas breve voltou à sua primeira obrigação. Foi a primeira. Não há amor como o primeiro. Ora a verdade é que ele perde muito tempo em acessórios e eu, que tenho o quarto de dormir com uma janela para as galinhas, sou testemunha de vista do que por ali se passa. Formiga vai pelas oficinas, aonde apanha todas as caixas que pode e faz delas ninhos para as suas aves. Formiga arranhou não se sabe bem como, os materiais necessários e procedeu a uma instalação eléctrica nas capoeiras, tendo colocado sua lâmpada em cada uma. Formiga conseguiu os materiais necessários sem se saber também aonde, e hoje pulveriza e caia e faz trinta por uma linha. Se quero repousar um bocadinho é impossível por causa do martelar. Ele vai descobrir pregos e ferramenta. Faz caixas. Faz baús. Foi ele o maior fabricante de bicicletas no tempo em que elas aqui reinaram. Tudo muito bem e muito certo, sim; apenas falta numa coisa. Formiga não faz caso das galinhas! Ora foi sobre este ponto que Padre Engenheiro mais eu tivemos a pega. Eu propunha uma exoneração rasa. Outra vez senhor Engenheiro achou muita graça às habilidades do Formiga. Adorou a especialidade de não fazer caso das galinhas. Torna a exultar e disse que assim é que é.

Se os senhores ouvirem dizer que a Casa do Gaiato acabou já sabem como e quem. Eu não.



Aqui Lisboa.

\*\*\* Há dias a esta parte tenho notado que o grupo da quarta classe costuma entrar na aula com um às cavaleiras; fazem-no sentar e assim espera a professora. Perguntei e soube que se trata do Zé Maria. Ele contraiu uma valente criadela. Não anda. O dia dos exames vem lá. O doente não pode perder o ano. Os companheiros não querem que ele o perca. Eles são todos um. Tendo chegado a hora e como a criadela con-

na tipografia, justamente a que dá um maior número de sinistrados. Engenheiro exulta. Ele acha que assim é que está certo, e não me deixa dizer mais nada!

ressam-se; os passageiros param a perguntar; as linhas do eléctrico estão interrompidas e o mais que se pode ver. E tudo isto por causa da alegria espontânea da criança expressão da Beleza Infinita de Deus Criador.

Este ano a afluência dos que querem ir tem sido extraordinária, porque as Criaditas dos Pobres não fizeram nem Colónias de serra nem de mar. Não tiveram recursos e os habitantes de Coimbra parecem não dar por isso.

Também nós ainda este ano não tivemos qualquer subsídio para Colónias e queremos que elas se prolonguem até vinte de Setembro. Como, não sabemos. Vós o direis e nós o esperamos.



TRIBUNA DE COIMBRA

Cheguei ontem de acompanhar os constituintes do 1.º turno de Colónias. Regressaram para junto dos seus, alegres e saudosos. Não digo que regressaram a casa, pois que talvez nenhum vive em casa, mas sim em cantos.

Vinham corados e caras cheias. Julgo (e Deus permita que sim) que devem ter vindo com a alma também maior.

A nossa preocupação primária não é matar-lhes a fome e fortalecer-lhes os pulmões e lavar-lhes e remendar-lhes as roupas e curar-lhes as feridas purulentas e cortar-lhes o cabelo já muito caído pelas orelhas. Tudo isto são meios de que nos servimos para os educar.

A nossa maior preocupação é educá-los, formar-lhes o carácter, habituá-los à limpeza, à ordem e ao asseio, ensiná-los a conhecer e a amar a Deus, a respeitar a sociedade e a eles mesmos.

Este é o grande fim das nossas Colónias e esta é a nossa maior preocupação. Chamamos frequentemente a atenção dos orientadores de cada Colónia (habitualmente estudantes dos mais adiantados dos Seminários que se oferecem generosamente) para que ensinem e exijam neste campo.

Infelizmente não falta a estes pequenos somente a casa mas falta-lhes ainda mais um ambiente sério de família; falta-lhes sobretudo a escola de virtudes que deve ser cada família cristã. Nas Colónias temos praticamente que os desbravar. E, louvores a Deus, parece-nos que alguma coisa se tem conseguido.

Quem dera que todos os organizadores de Colónias em Portugal tivessem esta mesma preocupação. Formar em cada criança um bom cidadão e, ainda acima, um bom filho de Deus.

Hoje partirá mais um grupo de quarenta deles. Daqui parece-nos estar já a vê-los na estação à espera da hora da partida da automotora. Nunca me sinto tão padre e tão pai ao mesmo tempo como naquela hora. Todos querem ir, quer tenham dado o nome, quer não; pessoas de fora interce-

tinuasse, nenhum deles desanimou. Conduzem o doente da mesma maneira até à caminheta que os havia de levar à sede do concelho. Uma vez ali, não sei como as coisas se passaram mas não repugna nem admira que os mesmos tivessem carregado com o mesmo até à sala dos exames. Ainda que todos tenham dado má prova, não importa. A coragem de um e o heroísmo dos outros, fazem que cada um mereça sua distinção. As formigas conduzem ao formigueiro as companheiras doentes. Nos meus tempos da Zambézia, se acontecia morrer na maca um doente, os pretos caminhavam léguas e léguas e entregavam-no morto no seu destino. Todo o ser livre, age segundo a sua natureza. Eis.

Quinhentos escudos de um vizinho sempre amigo pela alma de sua esposa e felicidade de seus filhinhos; cem de visitantes; vinte de promessa a um vendedor; várias roupinhas de Charinha e Tô-Mané de Coimbra; muitas coisas e muita dedicação «duma figueirense»; duzentos numa excursão de Fanhões. Todas as Casas do Gaiato hoje são centros de turismo. Cinquenta numa excursão da Figueira; o Sr Doutor do costume veio com pessoas de família e trouxe uma lata de azeite e um jovem entregou duzentos; 400\$00 do costume de Coimbra; cinquenta à mão dum sacerdote meu companheiro; 120\$00 da anónima dos Casais; vinte no Lar; sapatos usados da Figueira, por um vendedor; vinte do Zé sem mais-nada que nunca cá me encontra; vinte de visitantes; fatos e sapatos dum indo-português que vem cá muitas vezes; os benfiquistas de Santa Clara estavam numa confraternização e entraram os nossos vendedores que deixaram ali todos os jornais e levaram muitas palmas e trouxeram cem escudos; cem de um soldado; cinquenta de um visitante; o mesmo de um convidado a um casamento e que nos prometeu um saco de arroz; mil duns noivos que escolheram a nossa capela para o seu casamento. Aonde vai o amor por aquilo que não era e que agora Deus quer que seja. 32\$60 daquilo que me faz falta; quinhentos por alma do Sr. Doutor que nos deu muito em vida.

Que todos meditem se em tudo isto está ou não o dedo de Deus.

PADRE HORÁCIO

LIVRO «VIAGENS»

Lembramos a todos os nossos leitores que podem inscrever-se como assinantes da nossa Editorial. Basta dirigirem-nos um simples postal pedindo a inscrição e encarregar-nos-emos de enviar pelo correio as obras saídas do nosso prelo.

# PELAS CASAS DO GAIATO

**PRÇO DE SOUSA** Não falta cá na aldeia a escrever estas notas uns dias antes da visita de A Voz dos Rídiculos e a malta não fala noutra coisa. Todos os domingos, por volta das 13,30, quem quiser ver a gente com ótima disposição, é só vir até cá. É só ver-nos à roda da telefonia, a ouvirmos a sua transmissão, através da Ideal Rádio do Porto.

Esta alegria aumentou mais nestes últimos dias. Tudo canta. Tudo ri. Tudo alegre. É que chegaram as andorinhas. Dão um ar alegre e festivo à nossa aldeia. O que é mais bonito é vê-las todas em corrente nos fios da electricidade. Os ninhos são feitos por todos os lados.

Não deixamos ninguém mexer-lhes para se fazer a multiplicação. Assim para anos próximos temos de novo a sã alegria das andorinhas, que nos ensinam a amar mais o Criador, a Quem como todas as coisas da natureza constantemente louvam. Tratemos bem estas nossas embaixatrizes. Recebamo-las na nossa sala de visitas que é o coração.

Porque lhe havemos de querer mal, se elas só nos querem bem?

Se forem bem sucedidas, todos os anos voltam.

—Exames. As raposas não quiseram nada com a malta. Todos os que foram a exame ficaram aprovados. Foram catorze da terceira classe e treze da quarta. Estes rapazes daqui a pouco vão começar a levar a vida mais a sério, pois vão prás nossas oficinas. Oxalá tenham gosto na escolha e aproveitem bem, pois o tempo é ouro, não se pode perder.

—Temos junto de nós o Amadeu Mendes, irmão do Júlio. Foi para África há três anos, e trabalha na Sena Sugar Estates. Cumprido que foi o contrato, veio até ao continente visitar a nossa família, com umas férias de seis meses.

É um rapaz muito espirituoso e muito simpático. Toda a gente gosta dele.

Também já vem de viagem o António Teles, a quem esperamos abraçar daqui a pouco. Que tenha ótima viagem são os nossos desejos.

—Entrou no número dos lambareiros o senhor Filipe. O que é que ele fez? Arranjou uma chave para a dispensa, e ia lá buscar açúcar para si e para os amigos. Foi apanhado e para se defender disse que a chave estava debaixo das tulhas do milho, mas a coisada não pegou. O Sr. Padre Carlos não se deixou levar... À boa mina! Se assim fosse teríamos todos os dias um regimento de volta das tulhas.

—As abelhas. Gostamos muito delas, da sua música: zum... zum... zum..., mas gostamos ainda mais da sua obra: o mel. Se não fosse ele talvez não tivesse reparado no seu zunir. Quem trata delas é o Manel Coco, que lhe tira o seu produto. Os outros toca a rondar e quando o Manel se distrai toca a encher canecas, botijas, garrafas.

Como o tempo está muito quente, com ele fazem refrescos, mas os outros que também não puderam caçar, toca a dar em cima deles e é o cabo dos trabalhos. É aqui uma confusão tremenda.

—Está no nosso meio o antigo colega Diamantino Matos Ferreira, que vem fazer um estágio nas oficinas de alfaiete para aprender o corte e depois ir para África. Vamos a ver como ele se porta.

—Temos saboreado às refeições a fruta que a nossa quinta produz, graças aos esforços dos que trabalham no campo. Quem a colhe é o Caçola, que é o seu guarda, para que ninguém lhe passe a mão.

—Temos tido bastantes pedidos de livros que logo são satisfeitos. Para os que julgavam o contrário, informamos que o livro O Barredo ainda não se encontra esgotado. Esperamos que isso aconteça daqui a pouco, mas por agora ainda podemos satisfazer muitos pedidos. É só um simples postal e ele lá irá, com a maior das naturalidades, ter a sua casa.

Onde quer que esteja, ele vai ao seu encontro, levando-lhe a doutrina e ensinamentos que tão precisos são para a vida. Não há, amigo leitor, melhor ocasião que esta. Se quer evitar trabalhos para futuras vezes, inscreva-se já como assinante das nossas edições e pronto. Lá vai ter. Livro publicado, logo em casa do leitor.

—O Presidente, que é natural de Cabeceiras de Basto, e um dos mais thrones da minha camarata, fez ontem anos. O Sr. Padre Carlos deu-lhe um prato de doce, deixando-o todo satisfeito. A malta, no refeitório, deu-lhe uma grande salva de palmas e ele nem cabia em si de contente.

—Saiu mais um fascículo da História do Futebol Clube do Porto. Como todos os outros, este fascículo está belamente impresso, como é timbre da Tipografia Marca.

Já tivemos o prazer de a visitar, pois encontrá-la lá empregado um nosso colega—O Costa.

Daniel Borges da Silva

**MIRANDA DO CORVO** Como nos anos anteriores realizamos na Sra. da Piedade de Tábua as colónias dos garotos de Coimbra. Já esteve um turno e agora está lá o segundo. Estiveram ali alguns dias a maior parte dos rapazes desta casa. Uns por prêmio; outros por merecidas férias depois dum extenuante ano escolar; outros por cansaço. Não julgemos os leitores que os que lá estiveram só brincavam. Faziam as limpezas, iam às pinhas e tinham doutrina.

Fizeram já seus exames os rapazes desta casa. Eram 5 da 4.ª e 9 da 3.ª. Todos ficaram aprovados.

O aspecto da nossa quinta é agora bastante animador. Os milhos estão bons e estamos esperançados numa colheita. As batatas que este ano semeamos em grande abundância também estão bastante boas de rama e esperamos não ficar desiludidos ao tirá-las. Quanto ao resso, couves, feijões, cebolas e outras hortaliças também estão muito boas. Agora só temos a dar graças a Deus pelo que nos deu, e pedir Lhe que nos continue a ajudar.

José Roque Crisante

## A venda na Beira Baixa

Amigos leitores, venho dar-vos notícia da venda na Beira, que continua a receber-nos sempre de braços abertos.

Como de costume começamos por Castelo Branco, que apesar de nos receber sempre muito bem, anda muito em baixo quanto à venda, talvez por estarem para férias. Bem, vamos a ver se mesmo assim sobe mais um bocadinho, quantos mais não fosse pelo menos 300 e já não era muito, pois nós já aí vendemos 550. A todos os nossos agradecimentos.

Saimos de Castelo Branco e vamos direitos a Covilhã, que de facto é que aguenta a venda.

Seguidamente tenho de agradecer ao Sr. M. A. P. que me tem recebido da melhor maneira e aos Srs. Lopes e Faria que fizeram o favor de me levar da Covilhã a Tortozendo e que assim me tiraram 7 kms das pernas. Agradeço ainda aos Srs. Padres desta cidade que continuam a prestar-nos tudo que nos é necessário.

Vamos então ver se chegamos ao acordo de atinjirmos mil. Se assim for será uma honra para esta cidade pois quando lá fomos a primeira vez foi em Agosto do ano passado e até hoje só temos a dizer bem da boa gente covilhanense.

E agora para terminar informo que todos os nossos leitores que desejarem o novo livro «VIAGENS» é só enviarem um simples postal à nossa tipografia de Paço de Sousa ou podem ainda encarregar-nos de fazermos os pedidos.

E hoje fico por aqui. A todos muito obrigado e até à próxima se Deus quiser.

José Dionízio Figueiredo

**LAR DE COIMBRA** Como sabeis as aulas estão a acabar e as férias a começar.

Porém, eu, o Lita, e o Faísca já nos encontramos há muito a passar as nossas férias em Miranda, porque o colégio Pedro Nunes que frequentamos, quis dar o prêmio aos alunos que tivessem a cada disciplina uma determinada nota que fosse satisfatória o que conseguimos. Na altura que estou a escrever esta crónica, anda o Chico em Coimbra ansioso por saber os resultados da sua prova escrita no exame do 2.º ano. Para dispensar pouco há-de faltar e se não o conseguir paciência, mas Deus queira que tudo corra bem.

Andamos os quatro a estudar, se Deus não marcar os caminhos por outro lado, para sermos professores das Casas do Gaiato que bem merece e precisa da nossa gratidão e dedicação.

Ao falar dos exames não posso de maneira alguma deixar de agradecer sinceramente aos nossos Professores e Professoras e carinhos e a dedicação com que se dão a nós, mas sobretudo e muito em especial à Sr. Directora que está sempre de braços abertos, pronta a aturar-nos.

O Alfredo de Carvalho (Formiga) passou também para o 2.º ano da Escola Comercial que frequenta de noite. Que ele continue com a mesma vontade que tem andado até aqui.

—A venda do famoso em Coimbra tem-se mantido mais ou menos equilibrada, mas como agora vai tudo para férias é provável que desça um bocadinho, enquanto que na Figueira vai subindo à medida que para lá vai indo mais gente. Eu mais o Lita começamos a ir para ali ao sábado depois de termos aviado os nossos fregueses em Coimbra.

Chegamos à Figueira e vamos vender pelas casas de comércio e à noite jantamos e dormitamos em casa dum Sr. Dr. que muito dedicado tem sido para connosco e a quem estamos muito gratos.

Quero também agradecer ao proprietário da Tabacaria Pessoa daquela cidade que tem pedido alguns jornais, revistas e livros para a nossa casa.

—O pequeno quintal que temos à volta da nossa casa este ano foi bem aproveitado e tratado donde já comemos batatas, feijões, alface, hortaliça, tomates, etc. Somos nós que o amanhámos, por isso, quando estamos a comer até a comida nos sabe melhor.

—Eu mais o Lita andamos a aprender a tocar piano. Por isso peço a quem tiver livros por onde possamos aprender e que já não necessite deles ou livros de músicas populares que no-los queiram oferecer, que nós desde já agradecemos.

—Lembro ainda a nossa Conferência. Ela precisa imenso do vosso auxílio. Sem a ajuda de cada um, nós por nós não podemos acudir pobres pois também vivemos das vossas esmolas. Sobre tudo agora que temos um caso muito sério.

Carlos Manuel Trindade

**TOJAL** No dia 10 do mês passado, tivemos a visita dum grande excursão de Campolide. Foi para nós um dia de alegria. Eram nada menos de 300 pessoas que aqui se encontraram. Foi tudo organizado pela Liga Operária. A primeira cerimónia foi a Santa Missa dialogada por toda aquela multidão. A nossa igreja foi pequena naquele dia. Seguiu-se o pequeno almoço. Depois foram visitar a nossa quinta toda, casas e tudo. Ao almoço cada qual procurou a sombra dum árvore por causa do seu farnel. À tarde houve o indispensável desafio de futebol em que mais uma vez não conseguimos triunfar.

Seguiu-se uma sessão recreativa que constou de vários discursos, poesias, canções e sorteios em que foi rir até mais não. Assistiram ao nosso terço e Bênção do Santíssimo. Depois tudo se retirou, era uma algazarra medonha. Muito agradecemos a esta massa trabalhadora, por se terem vindo divertir connosco. Mais uma vez muito e muito obrigado. Excursões como a de Campolide podem vir muitas.

—Começou no passado dia 17 a disputa de uma taça entre quatro grupos: Gaiatos, Fanhões, Tojal e Vialonga.

No 1.º dia coube-nos ir jogar a Fanhões. Lá fomos todos. Começou o encontro às 16 horas e terminou às 17 e 15. Na primeira parte estávamos nós a vencer por duas bolas a uma. Na segunda empatamos. E assim acabou o encontro com o empate de 2-2. No próximo domingo vêm cá ao desempate. O Tojal foi a Vialonga buscar uma derrota de 6-2.

—A manhã deste mesmo domingo foi também cheia de vida e de alegria, porque os da 4.ª classe fizeram a Comunhão Solene. Era a festa de despedida de alguns dos nossos companheiros. Foram 18 que fizeram a profissão de fé. Cada um trazia um laço pintado de propósito. O almoço foi melhorado e a alegria dos nossos companheiros raro virá a ser tão intensa.

Sucedeu-se as levas dos que vão e regressam da praia. A furgoneta anda sempre carregada. Alguns vão cheios de feridas e regressam curados, outros vêm mais corados e mais gordos. O Jacinto — toureiro — diz que o mar lhe entrou pelo nariz, por pouco não o secava.

Também por lá aparecem visitantes que louvam os nossos rapazes, porque eles é que fazem tudo. Eles vão à água, cozinham, vão às compras... Mas quanto a donativos é que tem escorregado menos. A primeira venda na Ericeira foi de 60 jornais. Bem bom.

Joaquim A. Gouveia Marques

(Continua na quarta página)

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Do assinante 18.052, do Porto, 10\$00 para a Conferência como castigo que a mim próprio imponho pela demora em fazer o pagamento do livro. Assinante 4.616, mais um remanescente, 5\$00, Maria Manuela Figueiredo, de Braga, 10\$00. Maria do Carmo Vilhena, Lisboa, 30\$00. Do cliente e amigo da nossa Tipografia, Dr. Gaspar de Castro, 50\$00. Temos um postal à bica: Em cumprimento da sua promessa de todos os meses, envia 20\$00 a assinante 11.395. De Sintra, os costumados 20\$00 numa carta que diz a terminar: Peço a caridade fraterna de uma oração. E mais 20\$00 do mesmo anónimo ou anónima. Como havemos de retribuir tanta devoção e persistência? Da Rua de Mocambique, 58—1.º Lisboa, 20\$00. Assinante 8.667, do Porto, 10\$00 para um pobre. Africa não falta, quinzenalmente, neste cantinho. De Sá da Bandeira, se alguma coisa sobrar (do pagamento da assinatura do jornal) é favor creditar à Conferência da aldeia, para o fim que acharem conve-

**Conferência do Tojal**—Hoje dia de S. Vicente de Paulo, o inspirador das Conferências, pela caridade com que tratou os pobres, os condenados, os loucos, os doentes e todos os aflitos. É justo que as nossas conferências se lembrem dele pedindo protecção para os seus protegidos.

Foi o que fizeram os confrades da C. da Rainha Santa. Assistiram à missa e alguns comungaram. Vou fazer um pequeno relatório da nossa actividade pois há sempre quem se interesse pelos nossos pobres.

Falo da nossa conferência pois é aquela que eu amo no íntimo do meu coração, embora por vezes haja um descuido, mas isso já o Pai do Céu sabe. Desde o primeiro dia de Janeiro do corrente ano, têm-se passado casos de uma certa cegueira mas outros até dá vontade de pensarmos bem a sério na nossa vida. Porque será que nós pensamos em ir para a cova bem preparados e não nos lembramos sequer da preparação da nossa alma? Esta pergunta é de certo modo disparatada, mas paciência, vamos por partes que todos esperam.

Dirigiu o inquérito o Presidente da nossa conferência, que deu a palavra ao confrade José Soares que pede roupa para o Cabanos. Na reunião de 9 de Janeiro foi esclarecido que as despesas durante o ano foram de 3.350\$00 havendo um déficit de 3.146\$90 que acaba saldo. Caros leitores, se fossemos relatar aqui todos os casos que se nos depa-ram não havia papel para tanto, mas narramos os mais notados. Há dias o Natalino foi visitar a pobre «Santa». Entrou à conversa com ela até que ela disse: Acompanhei as obras da reconstrução da Igreja, e o meu desejo era o de tornar a ouvir missa nela. Assim aconteceu: era vê-la toda contente a caminho da Igreja. Em Março caiu de cama e disse que já não voltava a ir à Igreja, só passava mas era quando jazesse inerte, dentro do caixão; mas tal não aconteceu. Logo que foi arranjada a estrada, o nosso carro foi lá buscá-la a casa e consolou-se a rezar todo o dia. Comeu café e à noite fomos levá-la a casa. Como este caso outro parecido: o confrade Rocha levou dois pijamas ao seu pobre; agradeceu-os muito, mas, o que é certo eu ia visitá-lo, e não o via com ele vestido mas sim nu. Perguntei-lhe pelo lato, e depois de muitas desculpas acabou por ser vendido, e sabem qual foi a resposta dele? Estou a guardar os pijamas para vestir quando morrer. Calculem a ignorância a quanto obriga.

Mas há mais! O pobre de Pintéus teve no dia 8 de Maio um novo lar; sabem os caros leitores porquê? A gruta onde ele habitava, sim, porque não tem outro nome, eram quatro paredes, um telhado sem ser telhado, uma cama sem lençóis e um galinhaeiro como aparador, não baviam géneros nem sombras, uma porta com feição triangular e o chão húmido, e o ar infestado de mosquitos. Agora está na casa do Património.

Este homem que em novo era descrente hoje é crente, mas por vezes nós confrades ouvimos-lhe da boca disparates.

Entregaram-se mais 3 casas em Pintéus e espera-se dentro em breve fazerem-se mais. Para mais nos interessarmos pelos nossos pobres, vamos de vez em quando tomar parte nas reuniões do conselho particular. A última foi em Alhandra no dia 19.

(Continua na quarta página)

mente—150\$00. Assinante 652, de Buarcos, 10\$00. Do Corpo Nacional de Escutas de Vila de Aves, S. Miguel, 20\$00. Assinante 7.629, 50\$00. A conhecida senhora A. F., do Porto, 20\$00 em vale do correio. E mais remanescentes: 10\$00 de Alice Faria, de Braga. Agora, vai aqui uma pequenina carta que nos foi entregue pessoalmente: Junto 60\$00, dinheiro ganho pelo meu primeiro trabalho, para que Nosso Senhor mo abençoe e me dê forças para levar a minha cruz e salvar a minha alma. Muito temos de nos aperfeiçoar, para merecermos receber esta e outras cartas semelhantes. Deus nos ajude, também. Eduardo Melo, 50\$00. De M. E. V. M. do Porto, 50\$00 e pede orações por alma da sua Mãe que tanto sofreu nesta vida. Um anónimo, 100\$00. Dr. António Quitério, de Tomar, 20\$00. E, para rematar, recebemos mais um donativo de Alguém que se intitula uma nulidade. E mais nada por hoje. A todos, como habitualmente, os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

## Aqui, Lisboa!

A fachada decretou guerra de extermínio aos habitantes das barracas. Não há nenhum dia que não chegue até nós o clamor dos proscritos: padre defenda-nos!

O mal não é de hoje, é mesmo tão antigo como a História. Bom é que a folheemos, para recordar aquilo que nela se repete e fica para lição dos vindouros.

A presença dos judeus na capital do império dos Medos e Persas, no tempo de Assuero, era para o prepotente Aman, uma sombra incómoda. O remédio era deitar abaixo a árvore. Marduqueu devia ser o primeiro a desaparecer numa força de cinquenta covados de altura. Tudo estava preparado, quando a rainha, Ester que também havia de morrer por ser judia, ousadamente vai apresentar-se ao imperador a defender o seu povo. O patíbulo dos acusados veio a ser polé do acusador. Caso raro: Os inocentes foram ouvidos!

Nero sonha transformar Roma numa grande capital. Alguns bairros incomodam-no. Muito simples: manda deitar-lhes fogo e vai tocar guitarra para a encosta da fronteira, ao clarão lúgubre das casas em chamas e dos gritos lancinantes dos que vêm os seus filhos e bens desaparecer na fogueira. Para justificar uma monstruosidade, outra iniquidade: um decreto a expulsar os judeus e exterminar os cristãos. Nero não quis ouvir o clamor das vítimas. A História já julgou este monstro coroadado.

Aquele Homem que andava pela cidade a apregoar a bemaventurança dos pobres, a curar os cegos e paralisados, a censurar a hipocrisia da fachada do farisaísmo, — era para os bens instalados, um importuno profeta. Melhor seria fazê-lo desaparecer. Um pelotão é encarregado do mandato de captura. Os homens, antes de cumprirem as ordens recebidas, querem ouvir o importuno e quedam-se maravilhados: *jamais homem algum falou como este Homem!* E voltam de coração cheio e algemas vazias. Viram, ouviram.

Ora quem há aí que desça à arena a defender a pobreza envergonhada, que lhe ouve os gemidos, e se preocupa pelos seus problemas?

Os grandes jornais trazem, com frequência, rasgados elogios à fachada: são matadoiros de milhares de contos porque assim o exige os bailados e o cebo dos carneiros; fala-se em arrotear a Avenida porque assim o pedem as raízes das árvores; os latidos dos cãesinhos reclamam um asilo pomposo; os fervores dos espectadores da bola são mimoseados com empolgantes estádios. Para um bairro de pobres, ainda que seja o Cardeal Patriarca, a promover a sua construção, já não há espaço. E os que até agora serviam de abrigo, ainda que indecoroso, são pura e simplesmente arrasados sem nada que os substitua. O paganismo não faria obra mais perfeita. Quem manda é a senhora fachada, onde se admitem estátuas de pedra mas não irmãos de corpo e alma.

Se até as próprias moradias estão a desaparecer a olhos vistos, porque o rendimento e a fachada imperam, que se espera do misero tugúrio? Resultado? Ei-lo: Passa dum ano que a área do Campo Grande ficou limpa de barracas, para que os atingidos não tivessem

Tínhamos sido avisados e estávamos à espera, tendo, contudo, perdido as esperanças, pelo declinar do dia. Nisto e quando já não contávamos notou-se avenida acima um grupo estranho. A maneira que se aproximavam, viu-se de quem se tratava. Quatro senhoras ornadas de uma túnica, sandálias, cinto, na cabeça um lenço como as nossas camponesas e sobre o peito, duas tiras de pano faziam o sinal da cruz. Com elas e na mesma simplicidade, vinha também um homem.

Só pela idade se distinguia entre as quatro, a Fundadora das Fraternidades do padre Foucauld pois é delas que se trata. Qual a razão de ser desta visita? Nada. Nada de especial. De passagem pela nossa terra, a Fundadora quis ver e sentir a Obra da Rua, e nada melhor para isso do que entrar numa aldeia de gaiatos. Conversamos demoradamente. Ambos dissemos das nossas experiências. Há pontos de semelhança na constituição da obra de cada um. Dir-se-ia que nos conhecíamos. Ela começou a trabalhar em 1939 e nós um ano depois. Convidei-as e aceitaram a ceia.

a ousadia de se refugiar em qualquer canto. Quem demoliu teve o cuidado de levar também os materiais desmontados. Dentre as vítimas um assalariado do Ministério da Justiça. Com uns tostões que obteve em subscrição entre colegas, comprou um oleado que à noite coloca por cima das barras da cama onde se acomoda com a família. É a sua casa.

Em Marvila há um convento que conserva ainda traços da antiga beleza e arte e ideal com que foi fundado. Azuleijos, grades de clausura, pequeno claustro do silêncio, quinta anexa, etc. trazem-nos à imaginação as horas, os dias e os séculos de paz, oração e trabalho de quem por lá se santificou.

Agora, oh desolação! A quinta é um cemitério de vivos; cada cela, abrigo de duas e mais famílias à mistura com a prostituição e tuberculose. Ouvir estes pobres seres é redobrar a dor. Tudo por causa da fachada!

Noutro concelho vizinho, está agora em vigor lei semelhante. Numa barraca refugiou-se uma família que como a de Nazaré, não encontrou abrigo em Belém. A mãe está muito doente.

Do Gabinete da Administração emana a ordem de demolição. Seis homens são encarregados da execução. Chegam, ouvem, vêm e não se atrevem a executar! É que eles também têm esposa. Alguns têm-na doente. Retiram. Foi assim *naquele tempo*. Cristo ainda que na pessoa dos Pobres é o mesmo.

Mas a ordem urgia. Agora um pelotão de vinte homens que sai com ordens terminantes. Os vinte chegam, ouvem, vêm e recusam-se a executar. São chefes de família. Vinte e seis homens contra um. De que lado está a razão e a justiça?

Pretendemos construir no local casas do Património. Que não, Deram-nos terreno. Também não: a fachada não permitia

Nunca ninguém conseguiu meter o Rossio na Betesga mas não será possível meter o Terreiro do Paço nestas praças do pelouro?

PADRE ADRIANO

## Visitantes Ilustres

Fiquei admirado ao saber que o Irmão ali presente era sacerdote. Ninguém o diria pela sua maneira de vestir! Pena tive que não tivesse pernoitado, só para o ver no altar na manhã seguinte. Teria sido o meu primeiro contacto com um padre trabalhador. Enquanto descíamos ao refeitório, perguntei-lhe se queria vinho branco ou tinto e ele responde: *do que for melhor*. Temos aqui o Evangelho. Sim e não, são as palavras. Tudo o mais é enredo. *Quero do melhor*.

O nosso padre engenheiro não perdeu um momento; ele era todo, em tudo quanto escutava. Os ideais são perfeitamente irmãos. Elas, hoje em 112 Fraternidades e nós, padres da rua, em nossas casas do Gaiato, ambos realizamos Jesus.

Pio XII, ao que me disse a Fundadora, já chamou por ela dez vezes. Dez audiências. Que terá ele visto nesta Mulher — ele que tem mostrado ser empregado de escritório e industrial e jornalista e mineiro e condutor dos eléctricos e tipógrafo e cientista, pelos discursos que tem feito às classes e categorias; qual será o interesse em ter falado com a irmã Madalena e agora mais uma, pois que ela vai a caminho de Roma?! Estas Irmãs e estes Irmãos não se dedicam a nenhuma obra especial. Não têm colégios. Não têm hospitais. Não cuidam de orfanatos. Não dão catequese. Não visitam pobres. Parece-nos que não deveriam um tal interesse ao Papa, a este Papa. E contudo ela tem estado muitas vezes e ora vai a caminho! É que chegou a hora. A Igreja teve sempre os seus homens, as suas obras, o seu tempo. Quando todos se confundem e tudo se vai a desmoronar, Ela aparece. *Sou Eu!* Eis as fraternidades do padre do Deserto, espalhadas por quatro continentes, servidas por todas as cores e classes. Basta viver Cristo sem cerimónias para se ser cristão.

Oficinas, fábricas, campo; todas as artes, todas as profissões. Até nas cadeias! Se um ou outro escolhe ser recluso, vai por seis meses e é um preso na prisão sem nada que o distinga dos mais, a não ser o fogo interior que o levou ali. A Igreja, eterna e inespérada revolucionária! Ora este Papa que é tudo com todos, viu a chama... e chama.

## Pelas Casas da Gaiato

Continuação da terceira página

De manhã, depois da parte religiosa, foi o Discurso do Sr. Dr. Falcão Morais. Tivemos depois a segunda sessão da parte de tarde, em que falou um dos nossos rapazes. Viemos de lá entusiasmados e viemos com vontade de fazer mais e melhor.

É a primeira vez que faço uma crónica para o jornal, mas se em alguma coisa errei, agradeço que me aconselhem. Para terminar tenho a agradecer a todos os nossos subscritores do Tojal e benfeitores de Lisboa e do País que nos ajudam com donativos. Ainda hoje um visitante nos deixou 100\$00. É o que nos vale.

João de Deus M. Rocha de Assis

SE DESEJA MANDAR CONFECIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

## AGORA

Demos a entrada ao devoto da casinha *Santa Cruz*, que leva mais uma prestação de mil escudos. Ele diz: *estive no Bairro D. António Barroso; aquela visita foi uma oração*. Porque será que as almas afeitas com Deus, de tudo fazem uma oração? Cá vai o que se priva de fumar! Um pequenino cicerone, naquele domingo, entregou, de alguém, cinco contos que vão aqui: *Uma pecadora, assina-se*. É a luz que mostra as nódoas.

Agora é um rancho. Deixem passar. São os da *Chenop* com as prestações de Fevereiro, Março, Abril e Maio — 1.160\$00. Ainda aqui não apareceu ninguém com tanta persistência! Arrumem-se por favor. Este vem de Luanda. Os de longe são os primeiros. Assina-se *um médico de Luanda* e leva mais uma prestação de 700\$00. Ora notem o que ele diz:

«Onde? Não interessa. A necessidade duma habitação humana faz-se sentir, infelizmente, em todos os pontos do território português. E a mim bastar-me-á como recompensa, se é que recompensa merece aquilo que considero cumprir um dever, a ideia de que algures em Portugal, graças à minha contribuição, uma família maior passa a ter a sua casa.»

Eis aqui um pensamento correcto. Baste a cada um possuir esta riqueza sem se importar nem saber aonde e quem deu tamanha fortuna.

Arranjemos aqui um sítio de escolha para um casal de Lisboa que deu no Porto. *Uma graça do Sagrado Coração de Jesus*. Doze contos. Este é o nome dos nomes. É no Coração de Jesus que nós amamos, até os que nos odeiam.

Muito gosto eu do Alberto de Gaia. O do plano decenal, que vai com os *cem da praxe* Ao pé vai *uma licenciada ribatejana* com 100\$00. Quando chegarmos ao fim e antes que o Pobre entre, temos de reformar tudo, tão devagarinho vai! Outro tanto de algures.

Segue-se um friso interminável de capas pretas. São os estudantes da Universidade de Coimbra que entregaram 14 contos ao P.º Horácio. Deixem passar. De ali ao pé, S. Martinho do Bispo, enfileira um licenciado em Geográficas com 100\$00; é o Manuel Pinheiro. Está quase a «Casa Diniz»; mais 1.500\$00 Uma terceira prestação de 500\$00 do Porto, assinante 4.610. Estas *dívidas* que assim se pagam, fruto de uma vida amorosa, são uma condenação para muitos. Um assinante do Lorvão quer dar uma telha e manda 100\$00. Lorvão! Abram caminho; é de Lourenço Marques *para a casa dos professores*.

Rezemos todos por um que deixou recado antes de partir: *Dêem a fulano (eu) um pacote que está na gaveta*. A família veio entregar e aqui se abriu. Trocou-se o ouro por pedras e vamos ter algumas casas mais, consoante a vontade de quem foi para a *sua morada*. Mais de cem peças de ouro e brilhantes não se fala!